

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>

POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM ATENÇÃO ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO INTEGRATIVA

POTENTIALS AND LIMITATIONS OF NURSING ASSISTANCE IN CARE FOR CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: INTEGRATIVE REVIEW

Jéssica Vieira dos Santos, Rosália Rosália Teixeira Luz, Marizete Argolo Teixeira, Marcio Pereira Lobo, Layres Canuta Cardoso Climaco

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Abstract

This study aims to identify in the scientific literature the strengths and limitations of nursing care for children with Autism Spectrum Disorder. This is an integrative literature review carried out between July and August 2022, on the SciELO, Google Scholar and VHL platforms. The descriptors were used: "Autistic Spectrum Disorder", "Child" and "Nursing" with the association of the Boolean operator AND. Having as inclusion criteria: complete articles in Portuguese, published between 2017 and 2022, freely accessible and that were related to the scope of this research. Fifteen articles were identified, analyzed using the content analysis technique. The results revealed three categories of analysis: C1 - Nurse's role in assisting children with Autism Spectrum Disorder; C2 - Need for training and continuing education; C3 - Importance of instructing nurses so that they can apply instruments that allow the early diagnosis of Autism Spectrum Disorder. Concludes that it is necessary for the nurse to have enough knowledge to identify signs and symptoms characteristic of the Autism Spectrum Disorder, facilitating that in a multidisciplinary approach involving psychologist and psychiatrist trace the diagnosis early, as it will favor the efficiency of the therapeutic activities favoring a better quality of care. child's life.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Child; Nursing.

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar na literatura científica as potencialidades e limitações da assistência de enfermagem às crianças com Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada entre julho e agosto de 2022, nas plataformas SciELO, Google Acadêmico e VLS. Foram utilizados os descritores: "Transtorno do Espectro Autista", "Criança" e "Enfermagem" com a associação do operador booleano AND. Tendo como critérios de inclusão: artigos completos em português, publicados entre 2017 e 2022, acessíveis gratuitamente e que estivessem relacionados com o escopo dessa pesquisa. Foram identificados 15 artigos, analisados pela técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelaram três categorias de análise: C1 - Atuação do(a) enfermeiro(a) na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista; C2 - Necessidade de capacitação e formação continuada; C3 - Importância de instruir os(as) enfermeiros(as) para que possam aplicar os instrumentos que possibilite o diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista. Conclui-se que é necessário que o(a) enfermeiro(a) tenha conhecimento suficiente para identificar sinais e sintomas característicos do Transtorno do Espectro Autista, facilitando que numa abordagem multiprofissional envolvendo psicólogo e psiquiatra trace precocemente o diagnóstico, pois vai favorecer a eficiência das atividades terapêuticas favorecendo uma melhor qualidade de vida da criança.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Criança; Enfermagem.

Introdução

O termo autismo foi originalmente usado para se referir a indivíduos que apresentam psicose e esquizofrenia, passando a englobar crianças caracterizadas por isolamento mental em 1911¹. O autismo é uma derivação da palavra grega “*autos*”, que significa “si próprio”, e se refere às pessoas cujo estado de consciência estão comumente voltados para si, como uma realidade paralela². O uso do termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) demonstra-se mais adequado do que pessoa com autismo, à medida que abrange diversas formas e intensidades com que a doença se apresenta³.

O TEA pode ser caracterizado como uma desordem no processo de neurodesenvolvimento, de origem multifatorial ambiental e genética³. O TEA prejudica a capacidade de aprendizagem, comunicação e interação social do indivíduo, além de alterações comportamentais que limitam consideravelmente a sua qualidade de vida, como a inflexibilidade da rotina e execução de movimentos estereotipados⁴. Esses sintomas geralmente surgem na infância até os 36 meses de idade, com variados graus de severidade⁵.

Estima-se que no Brasil exista mais de um milhão de pessoas com o TEA, sendo que 90% delas não possuem diagnóstico^{4,6}. Os estudos indicam que o espectro autista está presente em 1 a cada 68 crianças, sendo consideravelmente mais frequente em indivíduos do sexo masculino do que no feminino, com 2,38% e 0,53% de prevalência, respectivamente⁷. Apesar das pessoas com TEA representarem uma grande parcela da população, ainda sofrem preconceito, marginalização e discriminação por diversos segmentos sociais, o que por vezes implica em violação de direitos humanos⁸.

As dificuldades impostas pelo TEA transcendem a individualidade e refletem em toda a funcionalidade familiar, devido à necessidade de adotar uma rotina com estímulos e cuidados que viabilizem o desenvolvimento seguro da pessoa com TEA⁹. Em casos muito severos do espectro autista, mudanças significativas podem atuar como potenciais estressores e em alguns casos conduzir os familiares ao esgotamento físico e/ou mental. A função familiar no convívio com a criança autista pode ser caracterizada como uma tarefa árdua, difícil e cansativa, que perpassa por momentos de medo, incerteza, desespero, frustração, negação e aceitação¹⁰.

Nesse contexto, a assistência em saúde é assegurada por diversos dispositivos legais que

visam garantir a pessoa com TEA uma existência digna. Entre elas destaca-se a Lei Berenice Piana nº 12.764/12, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e garante no seu Art.2º inciso III a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes”¹¹.

A atuação da equipe de enfermagem é essencial para uma boa assistência em saúde, devendo adotar uma postura empática, acolhedora, educativa e orientadora⁴. É comum que os responsáveis fiquem angustiados ao acreditar que a criança autista será eternamente sua dependente, sendo necessário que a enfermeira oriente sobre a importância dos estímulos e atividades educativas que favoreçam ao portador de autismo maior autonomia¹⁰.

O profissional da enfermagem deve realizar a anamnese para obter o maior número de informações sobre aspectos ambientais e biopsicossociais que possam auxiliar no diagnóstico e acompanhamento multiprofissional. A partir disso, o(a) enfermeiro(a) deve considerar os diferentes graus de severidade da criança autista para elaborar um plano de intervenção e incentivar a realização de adaptações adequadas por parte dos responsáveis¹².

A atuação do(a) enfermeiro(a) com crianças autistas requer habilidades e estratégias específicas para lidar com as alterações comportamentais, desenvolver o cuidado individualizado e a escuta qualificada^{9,10}. Entretanto, é comum que a formação acadêmica para lidar com esse público seja deficitária e não haja plano de educação permanente para os profissionais em atuação^{9,12}.

O interesse por essa temática se origina na percepção de que as crianças autistas representam uma parcela significativa da população e necessitam de cuidados especialmente direcionados para estimular sua autonomia. Diante da do pequeno número de publicações e de capacitações para lidar com esse público, uma pesquisa abordando essa temática vai contribuir com os profissionais de saúde em especial os da enfermagem na forma de lidar com crianças portadoras de TEA.

Nesse sentido, a questão de pesquisa é: Quais as potencialidades e limitações da assistência de enfermagem em atenção às crianças com transtorno do espectro autista? O objetivo é identificar na literatura científica as potencialidades e limitações da assistência de

enfermagem às crianças com Transtorno do Espectro Autista.

A relevância da pesquisa consiste em entender os múltiplos aspectos que envolvem a atuação do(a) enfermeiro(a) no atendimento as pessoas com TEA. Além disso, espera-se contribuir com a discussão sobre incluir momentos formativos sobre a temática na formação acadêmica dos cursos de enfermagem.

Metodologia

A presente pesquisa é uma revisão de literatura integrativa caracterizada como qualitativa-descritiva, por sintetizar e sistematizar resultados obtidos sobre a temática de modo amplo, em diversas fontes, contribuindo para a construção de um corpo de conhecimento científico. Assim, buscou compreender, descrever e discutir os múltiplos aspectos que envolve o atendimento de enfermagem às crianças autistas no âmbito das Unidades Básicas de Saúde - UBS.

A revisão integrativa é um método que favorece a síntese de conhecimentos e a avaliação da aplicabilidade desses estudos na prática. O termo integrativo se deve ao fato de que as revisões nessa vertente podem abranger um conjunto maior de dados, tanto resultados publicados em pesquisas isoladas quanto incluir estudos experimentais ou não experimentais¹³.

A condução da revisão integrativa perpassou por seis etapas: I) Identificação do tema e seleção da hipótese ou questão da pesquisa; II) Amostragem ou busca na literatura; III) Extração de dados ou categorização; IV) Análise crítica dos estudos incluídos; V) Interpretação dos resultados; e VI) Apresentação da revisão integrativa. A última etapa se refere a forma como o texto é apresentado ao leitor, que deve ser claro, objetivo e detalhado de tal modo que facilite a compreensão do conteúdo¹⁴.

Ocorreu a seleção dos artigos por meio das plataformas de busca Google Acadêmico (GA), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os descritores “Transtorno do Espectro Autista”, “Criança” e “Enfermagem” com associação do operador booleano AND.

Constituíram os critérios de inclusão: artigos completos em português, publicados entre 2017 e 2022, acessíveis gratuitamente e que estejam relacionados com o escopo dessa pesquisa. Foram excluídos: teses, dissertações, anais, resumos e outras formas de publicação que não tenham passado pelo crivo científico ou cuja abordagem destoasse da temática proposta.

Foram encontrados inicialmente 4350 trabalhos, com a aplicação dos filtros de seleção, foram excluídos os trabalhos não publicados em revistas (dissertações, teses, anais, outros), escritos em língua estrangeira e com período de publicação anterior ao definido. Por fim, na seleção final dos artigos considerou-se os publicados mais recentes e a pertinência temática analisada nos respectivos títulos e resumos.

Resultados e Discussão

A partir da leitura dos textos completos, obteve-se uma amostra de 15 artigos, sendo 13 da plataforma Google Acadêmico e 2 da BVS. A maioria dos artigos, seis (6), foram publicados no ano de 2021, em 2022 três (3), em 2019 três (3), em 2020 dois (2) e em 2017 um (1) artigo. Dos quinze artigos selecionados foram compilados na tabela I, evidenciando a base de dados, indicando o ano de publicação, periódico, título e conclusões das pesquisas.

Tabela 1 - Distribuição dos artigos selecionados indicando o ano de publicação, periódico, título e conclusões das pesquisas.

Ref.	ANO	PERIÓDICO	TÍTULO	CONCLUSÕES
BVS / LILACS				
BVS1 ¹⁵	2021	Rev APS	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras	As enfermeiras identificam na criança sinais de alterações no desenvolvimento infantil em suas consultas de puericultura. A aplicabilidade dos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil foi descrita pelas enfermeiras como de fácil utilização e importante para a triagem precoce do Transtorno do Espectro Autista nas consultas de puericultura, na atenção primária à saúde. As enfermeiras desconhecem os instrumentos de triagem para TEA.
BVS2 ⁴	2021	ABCS Health Sci	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano	O conhecimento dos profissionais de enfermagem acerca do TEA é escasso, demonstrando um despreparo e insegurança ao cuidar dessas crianças. Desde a sua formação profissional, não há uma abordagem do tema, fazendo necessário estimular essa abordagem na formação profissional.
Google Acadêmica – GA				
GA1 ¹⁶	2022	REAEnf	Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa	O enfermeiro é o profissional de saúde de nível superior mais acessível ao usuário em todos os níveis de atenção à saúde, especialmente na ESF, onde acontece a consulta de puericultura, tornando indispensável melhor capacitação profissional referente ao TEA. Percebeu-se fragilidade, baixo conhecimento e pouca capacitação para cuidar da criança autista.
GA2 ¹⁷	2022	Facit Business and Technology Journal	Contribuição do enfermeiro na assistência à criança com transtorno espectro autista: revisão bibliográfica sistemática entre os anos de 2015 a 2020	Observa-se a importância do enfermeiro na assistência com a criança com TEA, para um bom desenvolvimento/crescimento da criança de ações educativas e estratégias continuada para melhoria de atendimentos e prestação de cuidados para estes pacientes.
GA3 ¹⁸	2021	Scire Salutis	A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura	As principais condutas de enfermagem foram a identificação da síndrome, a informação e o apoio a família do possível portador, a aplicação da SAE e elaboração de intervenções e diagnósticos para o portador e o acompanhamento desse portador e da sua família. Destaca-se a importância da capacitação do profissional da enfermagem diante de sua importância na identificação precoce, tratamento e acompanhamento eficaz e humanizado.
GA4 ¹⁹	2021	Revista CPAQV	Atuação do enfermeiro com mães	O enfermeiro possui grande importância no

			de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa	diagnóstico e acompanhamento de crianças com TEA e seus familiares, atuando com a educação em saúde. Cabe ao enfermeiro ter o olhar global na prestação da assistência e traçar um plano de cuidados que envolva todos.
GA5²⁰	2021	Brazilian Journal of Health Review	O desafio para enfermeiro em atendimento no contexto intra-hospitalar: crianças portadoras de TEA	Existe pouco investimento científico direcionado ao atendimento às pessoas com TEA. Da mesma forma, a temática é pouco aprofundada durante a graduação nos cursos de enfermagem. Existe dificuldade de os enfermeiros detectarem sinais do autismo. É fundamental que o profissional de enfermagem seja o agente ativo nessa comunicação. O enfermeiro deve estar atento a padrões de comportamentos evidenciadas pela criança com TEA.
GA6²¹	2021	REVISA	Lugar da enfermagem é onde ela puder e souber atuar: Contribuições na atenção a pessoas no Espectro Autista	A enfermagem deve compreender a importância do seu trabalho nos diversos cenários de atenção à saúde da pessoa com TEA, sendo sua função estimular a autonomia da criança.
GA7²²	2020	Research, Society and Development	Assistência de enfermagem à criança com autismo	Faz-se necessário o aumento de pesquisas nesse campo. Existe uma carência na implementação de ações direcionadas à educação continuada dos enfermeiros.
GA8²³	2020	Saúde em Foco	A assistência de enfermagem prestada à criança autista	A assistência de enfermagem possui muitas lacunas de conhecimento e muitos estigmas a serem preenchidos antes de chegar em definitivo à uma assistência completamente eficaz.
GA9²⁴	2020	Revista Pró- UniverSUS	O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano	O conhecimento acerca do TEA está defasado dentre os profissionais enfermeiros. Isso reflete na falta de habilidade dos profissionais de enfermagem na assistência às crianças com TEA. É necessária a capacitação dos profissionais enfermeiros, para que estejam aptos para prestar uma assistência otimizada e específica.
GA10²⁵	2019	Revista Científica Interdisciplinar	Considerações sobre a demora no diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA) e a atuação da enfermagem	Quanto mais cedo ocorre o diagnóstico, mais o tratamento pode maximizar a independência funcional e a qualidade de vida da criança. O profissional de enfermagem tem o papel fundamental de orientação junto aos familiares e cuidado a criança com TEA, assim como no diagnóstico precoce.
GA11²⁶	2019	ReBIS	O papel do enfermeiro na assistência à criança autista	O enfermeiro tem o papel de ser agente de socialização. Existe grande importância da

assistência de enfermagem no cuidado e na identificação da criança autista, pois com um diagnóstico precoce e um tratamento adequado o paciente poderá ter uma melhor qualidade de vida e uma recuperação considerável dependendo do grau da patologia. É de competência do enfermeiro o papel de perceber os sinais de TEA, pois é o que estabelece o primeiro contato e que passa mais tempo com esse paciente.

GA12²⁷	2019	Vita et Sanitas	Processos históricos e avaliativos referentes ao transtorno do espectro do autismo e a enfermagem na atualidade	O enfermeiro tem como principal função o ato de cuidar, não apenas de aspectos relacionados ao Espectro Autista, mas também proporcionando mudanças no ambiente familiar, buscando diminuir, por meio do contato, o medo do preconceito da sociedade e o sentimento de inferioridade e ansiedade.
GA13²⁸	2017	Revista Científica Interdisciplinar	A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo	O enfermeiro capacitado pode prestar à criança com TEA uma assistência que proporcione segurança e tranquilidade. Deve apoiar e incentivar a adesão ao tratamento, atuando como educador e mostrando à família que a participação de todos é essencial para o bem-estar e qualidade de vida, não sendo restrito apenas à equipe de saúde.

Objetivando uma análise crítica e descritiva, foi construída a tabela I, contendo o ano de publicação, periódico, título e conclusões das pesquisas. Essa organização possibilitou avaliar diferentes posicionamentos sobre a temática com maior clareza.

Após a leitura detalhada dos resultados dos artigos elencados, foi permitido identificar três categorias: “Atuação do(a) enfermeiro(a) na assistência à criança com transtorno do espectro autista”; “Necessidade de capacitação teórico e prática e na formação continuada do(a) enfermeiro(a) para o atendimento à criança com transtorno do espectro autista” e “Importância de investir em instrumentos que possibilite o diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista”.

C1 - Atuação do(a) enfermeiro(a) na assistência à criança com transtorno do espectro autista

O atendimento a crianças autistas se insere no cotidiano laboral dos(as) enfermeiros(as), haja vista a estimativa de quase dois milhões de casos no Brasil, sendo imprescindível para uma boa assistência que o profissional possua conhecimento sobre o autismo e saiba avaliar as necessidades do paciente e dos familiares/responsáveis²⁸.

Dentre as formas de atuação da enfermagem foram a identificação da síndrome, a informação e o apoio a família do possível portador, a aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e elaboração de intervenções e diagnósticos para o portador e o acompanhamento desse portador e da sua família¹⁷.

Nas consultas de enfermagem deve haver atenção especial ao desenvolvimento biopsicossocial da criança, considerando as métricas globais de crescimento e desenvolvimento cientificamente esperadas para a respectiva faixa etária. É provável que haja variação entre sinais e sintomas do TEA com a idade, de modo que uma avaliação e acompanhamento cuidadoso possa subsidiar um diagnóstico precoce em crianças ou, pelo menos, contribuir para o fim da dolorosa busca pelo diagnóstico por adolescentes e adultos^{17,27}. Desse modo, é importante que a atenção a criança autista seja individualizada e atenta as singularidades de cada caso²⁰.

A assistência em enfermagem deve ocorrer por meio de ações planejadas,

considerando a severidade do TEA, os sintomas identificados e o contexto socioafetivo da criança. O(A) enfermeiro(a) deve estimular o neurodesenvolvimento, capacidade sensorial, coordenação motora, sociabilidade e a redução de comportamentos inapropriados¹². A implementação da SAE, o diagnóstico precoce e ações para a melhoria da qualidade de vida são considerados aspectos positivos das intervenções de enfermagem a crianças com TEA¹⁸.

A partir do diagnóstico de enfermagem com suspeitas de TEA, a enfermeira deverá realizar os encaminhamentos para especialistas e/ou equipe multiprofissional, como o pediatra, psicóloga infantil, fonoaudióloga. O acompanhamento por outros profissionais não exclui a necessidade das intervenções de enfermagem, pois se complementam em busca da melhoria da qualidade de vida da criança autista²⁸.

Nesse sentido, é importante estabelecer um vínculo com os cuidadores e remarcar consultas de enfermagem em periodicidade que considere a severidade do TEA²². Por meio da escuta qualificada, o(a) enfermeiro(a) deve estabelecer uma relação dialógica e continuamente reavaliar a condição do paciente para atualizar os planos de intervenção²⁹.

A educação em saúde também é uma importante aliada na superação dos rótulos, preconceitos e estereótipos. Sempre que possível, as ações educativas devem envolver pais, cuidadores e membros da comunidade, em busca de uma consciência coletiva de respeito a diversidade e aceitação social das crianças com TEA²².

É possível que o(a) enfermeiro(a) adote metodologias voltadas a redução de manifestações clínicas comportamentais específicas. Entre eles está o Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação (TEACCH), baseado na realização e revisão de tarefas planejadas; Análise Aplicada do Comportamento (ABA), que consiste no desenvolvimento de habilidades funcionais e eliminação de comportamentos indesejados; Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), que se baseia no desenvolvimento da comunicação não verbal por parte da criança autista²⁸.

Com finalidade inclusiva, o(a) enfermeiro(a) pode estimular a participação em atividades físicas, cuja proposta deve ser adaptada às particularidades de cada participante. O exercício físico melhora o condicionamento corporal, a coordenação neuromuscular, favorece o convívio social e pode reduzir a intensidade dos sintomas, como as estereotipias e comportamento antissocial³⁰. As atividades aquáticas, muito apreciadas por eles, tem demonstrado boa eficácia na redução de comportamentos repetitivos, agressivos e na hiperatividade³¹. A literatura evidencia que atividades desportivas individuais são mais frequentes que as coletivas¹⁸.

É inerente a enfermagem que as intervenções promovam impactos positivos sobre a melhoria da qualidade de vida. Intervenções simples podem impactar significativamente a vida das crianças com TEA, como exemplo, podemos citar o acolhimento e orientação sob a perspectiva humanizada para desconstruir preconceitos^{16,23}. Isso é importante, pois após o diagnóstico é comum que haja intenso sofrimento psicológico envolvendo sentimento de culpa, tristeza e angústia, o que pode favorecer quadros de ansiedade e/ou depressão²⁸.

As intervenções de enfermagem devem estimular a autonomia da criança, por meio do reconhecimento de suas capacidades, habilidades e potencialidades, assim como suas singularidades em meio ao contexto socioemocional^{16,28}. Como não existem medicamentos específicos para o TEA, as intervenções terapêuticas são a principal forma de estimular a socialização e a busca pelo desenvolvimento adequado. Assim, é importante que o(a) enfermeiro(a) estimule o autocuidado, higiene pessoal e segurança da criança autista^{17,25}.

As intervenções com crianças autistas também envolvem ações educativas, no sentido de promover junto aos familiares o entendimento sobre a condição e orientar sobre os possíveis caminhos e adversidades que poderão encontrar¹⁷. Assim, se o(a) enfermeiro(a) não estiver teoricamente apto a orientação, poderá negligenciar o atendimento e aumentar o sofrimento da família²⁴.

C2 - Necessidade de capacitação teórico e prática e na formação continuada do(a) enfermeiro(a) para o atendimento à criança com transtorno do espectro autista

O(A) enfermeiro(a) tem papel importante no diagnóstico precoce, acompanhamento terapêutico e fortalecimento da autonomia da criança com TEA²⁸. Entretanto, há o consenso de que essas competências só serão adequadamente exercidas se o profissional possuir conhecimento teórico-prático que seja compatível com a complexidade do atendimento^{15,16}.

O estudo de Silva *et al.*¹⁸ indica que a falta de informação/conhecimento sobre a temática, pouco contato com autistas, ausência de formação continuada e a falta de interesse pelo assunto representam as principais limitações no atendimento a esses pacientes, o que contribui para a realização de práticas com embasamento teórico completamente defasadas.

Existem poucas pesquisas científicas cujo escopo seja a orientação prática das intervenções de enfermagem às crianças com TEA²⁰, assim como a temática é relativamente pouco abordada nos cursos de graduação em saúde⁴.

Embora tenha sido disponibilizada pelo MS cartilhas, manuais e protocolos sobre a atenção à criança com TEA, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), elas são pouco conhecidas pelos profissionais. Também existem poucas pesquisas científicas direcionadas a embasar e orientar em termos práticos as condutas de enfermagem²². Segundo Nunes *et al.*²² existem muitas lacunas de conhecimento e estigmas para serem superados para uma assistência eficaz.

Os(As) enfermeiros(as) possuem capacidade e formação necessárias para atuar como protagonistas na assistência as crianças com TEA, assim como estimular a capacidade cognitiva, comunicação socioemocional e redução de comportamentos inapropriados. Para isso, é fundamental desmistificar a ideia limitante de que a enfermagem não pode ou não deve desenvolver práticas em determinada área²¹.

Diante disso, torna-se imprescindível ampliar pesquisas científicas que embasem orientações práticas para as intervenções de enfermagem, assim como a inclusão da temática nos cursos de graduação em enfermagem e melhorar a eficiência na disseminação das orientações práticas adotadas no âmbito do Ministério da Saúde para os profissionais. A implementação de políticas de valorização profissional e formação continuada são importantes, pois novos

conhecimentos sobre o autismo são constantemente produzidos e as práticas atualizadas.

C3 - Importância de instruir os(as) enfermeiros(as) para que possam aplicar os instrumentos que possibilite o diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista

Apesar dos estudos sobre a etiologia do TEA, ainda não existe um método de chegar ao diagnóstico de forma rápida e precisa. Atualmente, a avaliação é baseada na análise de sinais e sintomas que indiquem o espectro autista, como a dificuldade em fixar os olhos durante a conversa, expressar suas emoções, iniciar um diálogo, inflexibilidade na rotina, estereotípias, distúrbios de sensibilidade, interesse obsessivo por coisas específicas, atraso na fala e ausência de interação com outras crianças¹².

É comum que o primeiro contato dos pacientes ocorra na atenção primária, sendo provavelmente acolhido por um(uma) enfermeiro(a). Esse profissional dispõe de diversos instrumentos para avaliar as condições de saúde do paciente, estabelecer um plano de intervenção, desenvolver os cuidados necessários e encaminhar para especialistas e/ou equipe multiprofissional²⁸.

No que se refere aos casos suspeitos de TEA, essa avaliação toma como referência elementos comportamentais e instrumentos cientificamente validados²⁷. As Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA, do Ministério da Saúde, assim como os manuais e cartilhas derivados desse documento, ressaltam que os profissionais de saúde devem avaliar elementos comportamentais (sensoriais, motores, emoções e rotinas, por exemplo) e instrumentos de triagem, diagnóstico e classificação¹⁵.

Entre esses instrumentos, a entrevista semiestruturada com os cuidadores intitulada *Autism Diagnostic Interview-Revise* (ADI-R) permite uma avaliação por meio de 93 questões direcionadas aos cuidadores, visando identificar comportamentos relevantes que corroborem o diagnóstico de autismo. Quando mais itens indicarem padrão comportamental próximo ao TEA, mais consistente será o diagnóstico. Da mesma forma, o *Diagnostic Observation Schedule* (ADOS-G) é um questionário semiestruturado que avalia habilidades que possivelmente sejam afetadas pelo TEA, como a brincadeira, comunicação, socialização e imaginação²⁷.

Um instrumento originalmente brasileiro é o Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), constituído de 31 itens qualitativos para avaliar o desenvolvimento infantil com base na relação socioafetiva das crianças de 0 a 18 meses com os pais¹⁵. Complementarmente, pode ser utilizado a *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-Chat), versão traduzida, contendo 23 quesitos para avaliar crianças entre 18 e 24 meses, quanto a presença de sinais de autismo.

Existem outros instrumentos baseados em análises comportamentais e no desenvolvimento socioafetivo da criança, direcionados conforme a faixa etária a que se destinam, como *Autistic Traits of Evaluation Scale* (ATA), *Autism Behavior Checklist* (ABC), Questionário de Comunicação Social (ASQ) e *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT)²⁷.

Na medida em que o uso desses instrumentos se torna efetivo pelos profissionais, haverá maior facilidade na identificação de sinais e sintomas que, em conjunto, conduzem ao diagnóstico de enfermagem e serão a base para definir um plano de intervenção que se atente para as singularidades de cada caso. Apesar da utilidade, é comum que profissionais da enfermagem desconheçam os instrumentos¹⁵.

Conforme destaca Araujo *et al.*¹⁷, a avaliação continuada é apontada por mais da metade das pesquisas como um dos principais pontos favoráveis a avaliação precoce, assim como mais de 47% dos autores acredita que os instrumentos de pesquisa junto aos pais auxiliam nesse diagnóstico.

Atualmente, ainda não existe exame laboratorial para subsidiar um diagnóstico conclusivo. Assim, o acompanhamento sistemático dos casos suspeitos pelo(a) enfermeiro(a) e a evidência dos achados de enfermagem possui grande relevância para o diagnóstico¹⁹. Tendo em vista que a eficiência das atividades terapêuticas é maior quanto mais precoce for o diagnóstico, a inaptidão técnica ou teórica desse profissional é consideravelmente prejudicial aos objetivos da assistência de enfermagem e a qualidade de vida da criança com TEA^{25,27}.

Apesar de o diagnóstico precoce ser o ideal, em nenhuma hipótese isso pode ser justificativa para a obtenção de um diagnóstico precipitado, pois o autismo é uma condição neurológica cujos sintomas iniciais podem se assemelhar a outros transtornos²⁷. Nesse sentido, o diagnóstico incorreto traz grande

sofrimento a família e provavelmente direcionará as intervenções por caminhos que talvez não sejam efetivos para a patologia que de fato o paciente tem, prejudicando sua vida a longo prazo. Assim, é fundamental que o(a) enfermeiro(a) tenha conhecimento e saiba utilizar os instrumentos que auxiliarão no diagnóstico¹⁵.

Considerações finais

Este estudo mostrou que muitos(as) enfermeiros(as) não possuem conhecimento sobre a temática. Sendo que, a falta de formação continuada e o desinteresse pelo assunto representam as principais limitações no atendimento a esses pacientes, o que contribui para a realização de práticas com embasamento teórico completamente defasadas.

A assistência de enfermagem é significativamente importante para o cuidado integral e humanizado da criança com TEA. Os principais processos desenvolvidos por esses profissionais em assistência à criança com TEA são o acolhimento, orientação, ações preventivas, ações terapêuticas e encaminhamento a especialistas e/ou equipe multiprofissional. Apesar de sua relevância, muitos autores evidenciam grande defasagem teórico-prática entre os(as) enfermeiros(as), prejudicando a qualidade da assistência e a vida dessas crianças.

As limitações apontadas se referem principalmente a insegurança e falta de conhecimento teórico-prático, entre graduados e profissionais de enfermagem em exercício. A temática precisa ser introduzida nos cursos de graduação e devem ser estimulados programas de formação continuada, visando o aperfeiçoamento das intervenções às crianças com TEA.

Faz-se necessário que o(a) enfermeiro(a) conheça os instrumentos utilizados na avaliação das crianças autistas, pois será mais fácil identificar os sinais e sintomas que, em conjunto, conduzem ao diagnóstico de enfermagem. Foi evidenciado ainda que a realização do diagnóstico precoce vai favorecer a eficiência das atividades terapêuticas favorecendo uma melhor qualidade de vida da criança com TEA.

Referências

1. Prista RM. Autista fala e pensa: um estudo sobre a mediação da maternagem e

paternagem. Vínculo[online]. 2014; 11 (2): 31-40.

2. Onzi F; Gomes R. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. Caderno pedagógico[online]. 2015; 12 (3):188-199.

3. Associação Americana de Psiquiatria (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed. 2014.

4. Soeltl SB, Fernandes IC, Camillo SO. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. ABCS Health [online]. 2021; 46:e021206

5. Camargos JRW, Noce TR. A história natural do autismo infantil em um hospital público pediátrico terciário: evoluções com atrasos globais do desenvolvimento, com regressão parcial e plena. Rev. Médica de Minas Gerais[online]. 2014; 24 (2):150-54.

6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/publicacoes/diretrizes-de-atencao-a-reabilitacao-da-pessoa-com-transtornos-do-espectro-do-autismo.pdf/view>

7. Christensen DL et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years —Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States. Surveillance Summaries[online]. 2016 ; 65(3):1-23.

8. Pinto RNM et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Rev. Gaúcha de Enfermagem[online]. 2016; 37 (3): e61572.

9. Magalhães JM et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. Rev. Enfermería Global[online]. 2020;58: 541-550.

10. Souza AP et al. Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. Braz. J. Hea. Rev. [online]. 2020; 3(2): 2874-2886.

11. Brasil. Lei nº 12.764. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília 27 de Dez. 2012. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm

12. Feifer GP et al. Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista: Revisão de literatura. *Rev. Uningá*[online]. 2020; 57(3):60-70.
13. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*[online]. 2010; 8:102-106.
14. Dantas HLL, Costa CRB, Costa LM, Lúcio IML, Comassetto I. (2022) Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. *Revista Recien*[online]. 2022; 12 (37): 334–345.
15. Corrêa IS, Gallina F, Schultz LF. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. *Revista APS*[online]. 2021; 24 (2): 282-295.
16. Nascimento AS, Gomes AM, Santos BCC, Neves WC, Barbosa JSP. Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. *Revista eletrônica Acervo de Enfermagem*[online]. 2022; 19.
17. Araújo EVM, Sousa TN, Bastos MA; Silva KMM, Gener MES. Contribuição do Enfermeiro na Assistência à Criança com Transtorno Espectro Autista: Revisão Bibliográfica Sistemática entre os anos de 2015 a 2020. *JNT- Facit Business and Technology Journ*[online]. 2022; 2(33): 122-138.
18. Silva SHGM, Aziz AV, Vieira NM, Aleixo MLM, Alencar BT. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. *Scire Salutis*[online]. 2021;11(1): 36-45.
19. Viana DG, Silva LS, Queiroz GVR, Fernandes BSM, Galúcio VCA. Atuação do enfermeiro com mães de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. *Revista CPAQV* [online]. 2021; 13(2):11-22.
20. Pimenta NG, Vador RMF, Cunha FV, Barbosa FAF (2021) O desafio para enfermeiro em atendimento no contexto intra-hospitalar: crianças portadoras de TEA. *Brazilian Journal of Health Review*[online]. 2021;4(3): 12516-12534.
21. Filha FSSC, Moura MEB, Souza TV, Filho IMM (2021) Lugar da enfermagem é onde ela puder e souber atuar: Contribuições na atenção a pessoas no Espectro Autista. *REVISA*[online]. 2021;10(3): 458-60.
22. Nunes AKA, Souza FCA, Silva FL, Silva WC, Hernandez LF, Silva MGS, Silva PGS, Pereira TJS, Silva LNS, Silva EB. Assistência de enfermagem à criança com autismo. *Research, Society and Development*[online]. 2020;9 (11).
23. Mesquita ETS, Alves ENS, Pereira KMB, Souza BRA, Cardoso LSP. A assistência de enfermagem prestada à criança autista. *Saude em foco: Temas contemporâneos*[online]. 2020; 1.
24. Ribas, LB; Alves, M. O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano. *Revista Pró-UniverSUS*[online]. 2020; 11(1): 74-79.
25. Guimarães LRB, Carmo VMS, Curcio FS. Considerações sobre a demora no diagnóstico do transtorno do espectro autista (tea) e a atuação da enfermagem. *Múltiplos Acessos* [online]. 2019; 4(1).
26. Araújo CM, Nascimento JS, Dutra WL, Barbosa JSP, Lima RN. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. *Revista brasileira interdisciplinar de Saúde*[online]. 2019;1 (3): 31-35.
27. Filha FSS, Cardoso BDA, Nascimento FSC, Santos OP, Souza TV, Filho IMM. Processos históricos e avaliativos referentes ao transtorno do espectro do autismo e a enfermagem na atualidade. *Revista Vita et Sanitas*[online]. 2019; 13(2): 68-81.
28. Barbosa PAS, Nunes CR. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. *Revista Científica Interdisciplinar*[online]. 2017;2(2).
29. Nascimento YCML, Castro CS, Lima JLR, Albuquerque MCS, Bezerra DG. Transtorno do Espectro Autista: Detecção Precoce pelo Enfermeiro na estratégia saúde da família. *Rev baiana enferm*[online]. 2018;32: 1-12.
30. Silva SG, Lopes DT, Rabay AAN, Santos RML, Moura SKMSF. Os benefícios da atividade física para pessoas com autismo. *Revista diálogos em saúde*[online]. 2018; 1(1): 127-145.
31. Lee J, Porreta DL. Enhancing the Motor Skills of Children with Autism Spectrum Disorders: A Pool-based approach. *JOPERD* [online]. 2013; 84(1): 41-45.

Endereço para Correspondência

Layres Canuta Cardoso Climaco
Rua Visconde do Rio Branco, bairro centro, nº
118 -
Uauá/BA, Brasil
CEP: 48950-000
E-mail: laycanuta@gmail.com

Recebido em 11/09/2023
Aprovado em 18/06/2024
Publicado em 29/06/2024